

Confiar e Confessar

Introdução

A Palavra de Deus é nossa fonte de segurança e confiança para o orar e o compartilhar. Firmes nela, com a fé ativa no amor, fazemos orações e compartilhamos Cristo para todos. Para abordar este lema da IELB para 2022, vamos fazer uso de dois verbos de ação: *Confiar e Confessar*.

Orar – Confiar

Orar, antes de tudo, implica *confiar*. Não conversamos sobre nossa vida, não agradecemos sinceramente e nem pedimos o que precisamos a quem não confiamos. Se isso se aplica à vida humana, muito mais à vida espiritual. É por causa do presente da fé, por estarmos em Cristo, que podemos orar.¹ Passamos a confiar nele incondicionalmente e, por isso, sabemos que podemos conversar com Deus, de forma aberta e sincera, por meio da oração.

O Catecismo Maior, na introdução ao Pai-Nosso, nos ajuda a visualizar de maneira geral a importância da oração, da qual apresentamos um pequeno esboço nos próximos parágrafos.²

“Nada é mais necessário do que viver continuamente nos ouvidos de Deus, clamando e pedindo que nos dê, preserve e multiplique a fé e o cumprimento dos Dez Mandamentos e remova tudo o que está em nosso caminho e nos impede”, afirma o dr. Martinho Lutero. É por esta razão que o próprio Senhor Jesus Cristo nos deu orientações sobre como orar. E não podemos pensar que faz diferença ou não se oramos. “Ninguém pense que é indiferente orar ou não, como fazem pessoas grosseiras, que seguem por aí com a seguinte ilusão e pensamento: Por que iria eu orar? Quem sabe se Deus atenta em minha oração ou se lhe quer inclinar os ouvidos? Se não oro eu, ora outro.” O ensino é claro: “Devemos e temos de orar, se queremos ser cristãos, da mesma forma como devemos e temos de obedecer ao pai, à mãe, ao governo. Porque, pelo invocar e pedir, o nome é honrado e empregado de maneira proveitosa”.

Em determinadas ocasiões, pessoas aproximam-se de seu pastor pedindo que ele ore a Deus, possivelmente porque o consideram alguém “com mais proximidade” para falar com Deus do que elas mesmas. O Catecismo nos ajuda neste ponto também: “Permitimos que nos desencaminhem e despersuadam pensamentos tais como: ‘Não sou suficientemente santo e digno; se fosse tão digno como São Pedro e São Paulo, então, sim, oraria’. Mas longe de nós com tais ideias! Pois o mesmo mandamento que disse respeito a São Paulo também se aplica a mim, e o segundo mandamento é dado tanto por causa de mim quanto o é por causa dele, de sorte que não se pode jactar de possuir mandamento melhor ou mais santo. Dirás, por conseguinte, assim: ‘A oração que faço certamente é tão preciosa, santa e agradável a Deus quanto a de São Paulo e dos mais santos dentre os santos [...], já que Deus não considera a prece por causa da pessoa, mas em virtude de sua palavra e da obediência. Pois no mandamento em que todos os santos fundamentam suas orações, também fundamento a minha. Além disso, oro pela mesma coisa que todos eles pedem ou têm pedido’”.

Deixar de lado a prática da oração pode ser equivalente a considerar Deus mentiroso, pois ele mesmo nos ordenou orar e agregou sua promessa à oração. “Agora, aquele que não crê nessa

¹ Apologia da Confissão de Augsburg, XXI, “Invocação dos Santos”, parágrafo 13. “Uma oração sem fé não é oração”.

² Catecismo Maior, Introdução ao Pai-Nosso.

promessa, saiba mais uma vez que provoca a ira de Deus como quem o desonra em grau máximo e o acusa de mentiroso.”

Quando o pensamento desencorajador surgir, “Eu não sei orar”, podemos lembrar que a oração se aprende e se pratica ao longo da vida cristã. “Eu até quero orar, mas não sei como.” Ou então pode haver a dúvida de “Sim, eu orei, mas será que fiz da maneira correta e falei as coisas certas?”. E que temos ao alcance do coração a oração modelo: “Não se pode encontrar na terra oração mais nobre [do que o Pai-Nosso], pois que tem o testemunho excelente de que Deus, de coração, ama ouvi-la. Não a deveríamos trocar pelos bens do mundo inteiro”. Quando você pensar que não sabe ou não consegue orar, se em algum momento da sua vida sentir-se fragilizado, sem as palavras adequadas, recite o Pai-Nosso, a oração perfeita entregue pelo perfeito Salvador.

A oração possui conteúdo. “Quem quer pedir deve apresentar, expor, nomear algo que deseje. Caso contrário, não se lhe pode chamar de oração.” E a oração não acontece apenas em momentos extremos, mas, sim, é um hábito a ser cultivado todos os dias. “Devemos acostumar-nos desde a mocidade a orar diariamente, cada qual por toda a sua própria necessidade, onde quer que sinta algo que lhe diga respeito e, também, pela necessidade de outras pessoas entre as quais vive.”

A oração é também proteção. “Cumpre saibamos que toda a nossa defesa e proteção está unicamente na prece. Porque frente ao diabo, com seu poder e adeptos, que se nos opõem, somos demasiadamente frágeis, de sorte que facilmente nos poderiam calcar aos pés. Devemos, por conseguinte, refletir sobre isso e tomar das armas de que importa estejam munidos os cristãos para resistir ao diabo.”

Essa exortação e conselho são dados no Catecismo “a fim de que, antes de tudo, se aprenda a considerar a prece como coisa grande e preciosa e se conheça a verdadeira diferença entre fala vazia e pedir algo. Pois de forma nenhuma rejeitamos a oração, mas o totalmente inútil berreiro e murmúrio, como o mesmo Cristo rejeita e proíbe longa falação”.³ Especialmente a oração do Pai-Nosso, pois nela vemos “todas as necessidades que, incessantemente, nos atingem, e cada qual é tão grande que deverá impelir-nos a rogar por causa dela ao longo de toda a nossa vida”.⁴

Aspectos práticos – Confiando

A confiança em Deus nos leva a orar. Confiamos que Deus nos ouve, confiamos que ele é bom; confiamos em sua vontade e provisão para a nossa vida. Compartilho algumas reflexões no aspecto prático da nossa vida de oração, a partir de uma perspectiva pastoral.

Pedi e dar-se-vos-á. Sabemos, pelas palavras de Jesus, que tudo quanto pedirmos em oração, crendo, receberemos.⁵ O verbo “crendo” é fundamental neste texto e contexto. Cristãos que conversam com o Pai por meio do Filho creem que ele é Deus, e não há sabedoria que possa superá-lo no tocante às nossas necessidades, sonhos, problemas e frustrações. Cremos incondicionalmente em sua provisão, em sua vontade; nossos pedidos e preces, portanto, são apresentados a Deus dentro deste conhecimento e confiança. Quanto o cristão ora crendo, ele ora dentro da vontade de Deus. E dentro da vontade de Deus, sempre somos ouvidos e recebemos resposta, mesmo que não seja uma resposta como a que estávamos esperando.

Tudo posso naquele que me fortalece. Fora de contexto, este texto pode fazer da oração o talismã mágico para conseguirmos tudo o que quisermos de Cristo – além de incorrer em inúmeras outras aplicações para as quais ele não foi escrito. Paulo nos conta que “aprendeu a viver contente em toda e qualquer situação”.⁶ O antecedente deste versículo é “Tanto sei estar humilhado como também

³ No original: *Lang Gewäsche*. Cf. Mt 6.7; 23.14.

⁴ Catecismo Maior, Introdução ao Pai-Nosso.

⁵ Mateus 21.22.

⁶ Filipenses 4.

ser honrado; de tudo e em todas as circunstâncias, já tenho experiência, tanto de fartura como de fome; assim de abundância como de escassez”. Pensar em tudo o que podemos em Cristo, que nos fortalece, é pensar no enfrentamento das situações de abundância e escassez com a força que ele dá.

Um outro aspecto nem sempre notado neste texto é o *contentamento na fartura*. “Ficar contente com pouco é difícil, mas ficar contente com muito é impossível”.⁷ Aprender a viver contente na fartura, mesmo que não pareça, pode ser mais desafiador do que na escassez. A fartura tenta, seduz, pode nos tornar impacientes e ansiosos, frequentemente gananciosos, podendo levar à queda. Em oração, nosso coração se põe diante de Deus pedindo forças para enfrentar tudo o que nos possa acontecer, tanto na escassez, como também na fartura.

Orar não somente pelos doentes e necessitados. Em muitas de nossas congregações, temos a prática de incluir pedidos e intercessões especiais na oração do culto. Em muitos casos, essa lista é feita quase que exclusivamente de pedidos em momentos de doença e dificuldade. São pedidos legítimos e devem continuar sendo feitos. Não podemos esquecer, no entanto, das inúmeras outras coisas pelas quais podemos pedir, uma lista que pode ser grande e variada.⁸

Para isso, podemos criar o hábito de ter uma *lista pessoal*. Quando alguém nos pede, “Poderia me incluir nas suas orações?”, e respondemos, “Vou orar por você”, quando, efetivamente, oramos por aquela pessoa? Sabemos que não é o número de orações que faz com que Deus as ouça ou não; no entanto, a oração constante é parte essencial da vida cristã. Crie uma lista dos pedidos regulares de oração num papel, na tela do computador ou do celular e utilize esta lista com frequência. Isso auxilia tanto na disciplina de oração como no efetivamente orar pelos nomes das pessoas que nos pediram oração, e as situações pelas quais queremos e precisamos orar.

Dedique tempo. Você pode ser uma das milhares de pessoas que têm tido dificuldades em se concentrar por mais de dois minutos para uma oração. Talvez a alternativa seja dizer algumas frases, incluir “peço por todas as pessoas que me pediram oração, em nome de Jesus, amém”.

Podemos orar a qualquer hora, em qualquer lugar, sem dúvida. E durante qualquer tempo também. Mas dedicar tempo de qualidade para a oração também é uma disciplina útil. Se conseguimos dispor de dezenas de minutos para rolar a tela do celular a esmo, é possível desenvolver uma disciplina de tempo específico para oração. Se precisar, acione o timer do seu celular. Comece com dois minutos, amplie para cinco, e aumente até onde puder chegar. Não faltam motivos para oração, e orar também envolve disciplina e prática constante.

Orar pelos que não têm fé. Especialmente pelas pessoas que conhecemos nessa situação, e orar pedindo oportunidades para testemunhar de Jesus a eles. Lembre-se, o seu melhor amigo, ou o seu familiar amado, não estará com você na eternidade se partir sem fé em Jesus. Isso não significa que a conversão é nossa ação, mas ela acontece por meio da nossa ação de comunicar a Palavra. Como nem sempre a oportunidade de falar de Cristo surge espontaneamente sem que pareça forçado, podemos

⁷ Marie von Ebner-Eschenbach.

⁸ Alguns exemplos: congregações e Sínodo; por mais oportunidades de testemunho; por mais tempo para orar; pelos inimigos; crianças em idade escolar e professores; maridos e esposas que enfrentam todos os dias o estresse conjugal e a desarmonia; proteção e segurança das pessoas em nosso país; bom senso e serviço abnegado de líderes políticos em todos os níveis; militares, especialmente aqueles em missões altamente perigosas; policiais chamados a tomar decisões em frações de segundo; equipes médicas que arriscam sua saúde pessoal ao cuidar de outras pessoas; crianças que vão para a cama com fome todas as noites; defender a santidade da vida – para os ainda não nascidos e para pessoas de todas as idades; cristãos em todo o mundo que enfrentam perseguição diária e mortal; cuidadores primários de entes queridos com doenças crônicas debilitantes; chuvas intensas em áreas de seca severa ou moderada; igrejas cristãs, pastores, professores e missionários; professores e administradores cristãos em escolas públicas. pessoas em áreas de tempestades violentas de qualquer tipo; mulheres (e homens) que vivem com cônjuges abusivos; pessoas que lutam com a identidade de gênero; conforto para aqueles que perderam entes queridos; paz em nossa nação dolorosamente dividida; pais e mães solteiros e seus filhos; crianças que vivem em lares abusivos; por força frente à perseguição.

orar pedindo a Deus que nos impulse com seu Espírito Santo a pregarmos o evangelho também com nossas atitudes e jeito de viver.

Por fim, e também em primeiro lugar, quando falamos em oração, não podemos esquecer da petição: **seja feita a tua vontade**. O óbvio precisa ser repetido, porque nem sempre ele é observável. Nossa vida de oração não significa uma vida de constante sucesso, ao menos não em termos humanos, e de obtermos tudo o que o nosso coração deseja. A vontade de Deus é perfeita, sábia e *sempre* conduz tudo para o bem em nossas vidas.⁹

A repetição de frases como “Deus é bom o tempo todo” e “Deus é maravilhoso, ele ouve as nossas orações” é bem visível em tempos de bonança e bênçãos, quando há cura, quando há livramento e conquista. Essas declarações podem não aparecer com tanta frequência quando alguém morre depois que muitos cristãos oraram fervorosamente por sua recuperação; quando cristãos que estavam em aviões não conseguiram escapar do acidente; quando cristãos fiéis passam por sofrimentos; e em outras tragédias e dificuldades.

No entanto, ao orarmos e vivermos nossa fé, repetimos: “O Senhor o deu, o Senhor o tomou, bendito seja o nome do Senhor”. Ele continua sendo bom, e ele continua ouvindo nossas orações. Nossa linguagem cristã luterana não é de glória e vanglória, mas de humildade e cruz. Nós oramos “seja feita a tua vontade”; a vontade de Deus sempre é feita (inclusive sem a nossa prece).¹⁰ Todas as orações, portanto, são atendidas, mesmo aquelas que não são ouvidas e atendidas da maneira que nós esperávamos que fossem. “Muito pode por sua eficácia a oração de um justo”¹¹ indica a oração de uma pessoa que está em Cristo. A eficácia, portanto, não está no justo, mas naquele que o justifica.¹²

Fazer orações é confiar incondicionalmente na vontade de Deus – justa, precisa e perfeita.

Confessar – Compartilhamos Cristo para todos

A segunda parte do lema deste ano aborda o nosso testemunho cristão ao vivermos no mundo.

Confessionais

Compartilhar Cristo para todos é não só muito importante como muito abrangente. Um recorte se fez necessário, e nossa escolha foi por um verbo: *Confessar*. A ideia surgiu a partir de um texto do professor Arnaldo Schuler apresentado à congregação dos professores do Instituto Concórdia de São Paulo (ICSP) em 1986.¹³ Nos próximos parágrafos, apresentamos alguns aspectos importantes deste artigo.

“No título acima, *confessar* significa *professar, dar testemunho, declarar publicamente*, e a palavra *confissões* designa declarações de fé.” Assim, falar em confessar é falar em anunciar Cristo para todos, a missão de Deus a partir da nossa compreensão missiológica confessional luterana.

Schuler afirma que cristãos sinceramente interessados na difusão do evangelho sempre são confessores. Eles comunicam a fé verdadeira, já que outras denominações e religiões, às vezes, também, se intitulam cristãs. Essa confissão é responsabilidade de todos os crentes, conforme Pedro nos fez saber.¹⁴ A maneira que a igreja compartilha o evangelho pode abarcar diversas atividades, mas

⁹ Romanos 8.28.

¹⁰ Catecismo Menor, “Pai nosso”.

¹¹ Tiago 5.16.

¹² Sobre as tragédias e dificuldades, se são ou não vontade de Deus, uma expressão cristã diz: “Nem tudo o que acontece é da vontade de Deus, mas nada acontece fora da vontade dele”.

¹³ SCHULER, Arnaldo. Confessar e Confissões. **Vox Concordiana**, ano 2/3, 1986, p.5-11.

¹⁴ IPedro 2.9: “Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, *a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz*”. Adiciona o professor Schuler: “A esse propósito convém refletir sobre um dos abusos da metáfora pastor-ovelha: o abuso de restringir ao pastor a tarefa de testemunhar”.

a mais essencial delas é *confessar*. O sacerdócio universal dos crentes inclui a responsabilidade de todos os crentes confessarem, *o que nasce da fé* (2Coríntios 4.13: “Cremos, por isso também falamos”). Essa verdade impõe aos confessores o dever de enfrentar *todas as manifestações de incredulidade*, pois a incredulidade ameaça a sobrevivência da fé.¹⁵

Três textos que mostram a seriedade do dever de confessar:

- a. Mateus 10.32s: “Todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai que está nos céus; mas aquele que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai que está nos céus”.
- b. 1Pedro 3.15: “Santificai a Cristo, como Senhor, em vossos corações, estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós”.
- c. Romanos 10.9: “Se com a tua boca confessares a Jesus como Senhor, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo”.

Em Colossenses 4.6: “A vossa palavra seja sempre agradável, temperada com sal, para saberdes como deveis responder a cada um”, encontramos a orientação apostólica para o nosso confessar, uma bela síntese que resume o que de mais importante se poderia dizer sobre a maneira de confessar: palavras bondosas, mas não insípidas. Palavras ao mesmo tempo brandas e sadias. Este confessar pode omitir questões periféricas, ou sem importância, ou indiferentes (pelo menos em si), tais como cerimônias, ornamentos, vestes, formas litúrgicas, etc.¹⁶

Dentre as duas formas de ensinar religião – transmitir simplesmente conhecimentos e transmitir conhecimentos *e confessar*, *escolhemos não nos limitar à primeira*. Nesse contexto, não é incomum ouvirmos: “Falta-me o necessário preparo para dar testemunho de Cristo”. Aqui não podemos confundir *testemunha* com *advogado*. A testemunha não precisa de preparo especial para dizer o que crê. O caso do advogado é diferente. *Advogado*, aqui, no sentido de apologista. O advogado da religião cristã prepara-se para evidenciar a origem divina da religião cristã e refutar os ataques dos adversários.¹⁷

Em meio aos debates sobre estratégias de evangelização, não esqueçamos a estratégia ensinada e exemplificada por Cristo: o casamento entre o amor e a mensagem. Deus não prometeu agir através das nossas opiniões, especulações, teorias, por isso, a confissão que pode produzir resultados espirituais em quem nos ouve é aquela que traz os ensinamentos divinos. E o centro de nossa confissão é Jesus Cristo e sua obra, sendo a Escritura Sagrada o único juiz, norma e regra de acordo com que todas as doutrinas devem ser julgadas, da qual consideramos as Confissões Luteranas uma interpretação fiel.¹⁸

Schuler afirma ainda que confessar é uma das mais belas formas de *agradecer* a Deus pelo tesouro que ele nos deu. Por isso, confessar é *privilegio que traz alegria, felicidade e bênção espiritual*.

Parte importante do nosso objetivo confessional reside no fato de que desejamos a verdadeira unidade de todos os cristãos,¹⁹ “estando, de nossa parte, sinceramente dispostos a empenhar tudo o que estiver em nós para fazê-la avançar, é, isto sim, aquela unidade que preserva a honra de Deus e não abre mão da divina verdade do santo evangelho, sem conceder nada ao mínimo erro, e que conduz os pobres pecadores ao verdadeiro e genuíno arrependimento, fortificando em fé e levando à nova obediência. A fé que os salva e lhes dá a vida eterna unicamente pelo mérito de Cristo”.²⁰

¹⁵SCHULLER, Arnaldo. Confessar e Confissões. **Vox Concordiana**, ano 2/3, 1986, p.5-11.

¹⁶SCHULLER, Arnaldo. Confessar e Confissões. **Vox Concordiana**, ano 2/3, 1986, p.5-11.

¹⁷SCHULLER, Arnaldo. Confessar e Confissões. **Vox Concordiana**, ano 2/3, 1986, p.5-11.

¹⁸SCHULLER, Arnaldo. Confessar e Confissões. **Vox Concordiana**, ano 2/3, 1986, p.5-11.

¹⁹Fórmula de Concórdia, Declaração Sólida, artigo XI, seção 96 – *Livro de Concórdia*, p.678.

²⁰ Adicionamos aqui, ainda, um parágrafo sobre lei e evangelho. No mundo em que vivemos, com uma espécie de hipersentimentalização dos processos, percepções e atitudes, falar em compartilhar “o amor de Jesus” sempre parece

Confissão e vida santificada

É antiga a frase que declara, “Luteranos *gritam* justificação, e *sussurram* santificação”. Este é um assunto que tem ocupado a igreja há bastante tempo, e, a bem da verdade, muitos esforços têm sido feitos em termos de explicar e trazer à luz claramente este aparente paradoxo de que Deus é o autor de tudo e, sem ele, nada podemos fazer, e, ao mesmo tempo, nós entramos em ação motivados pelo Espírito Santo, porque recebemos de Cristo a Grande Comissão. O fato é que luteranos rejeitam qualquer conceito de santificação (vida de fé) que não provenha da justificação (salvação). Mas também sempre rejeitaram um conceito de justificação que não leve à santificação.²¹ Pregar santificação, em última análise, é pregar justificação. E o contrário também é válido. Sempre que pregamos justificação, estamos ao mesmo tempo falando em vida santificada.

Podemos explicar santificação, de maneira resumida, com a frase, “a fé ativa no amor”. Quando recebemos a salvação por meio da fé (justificação), imediatamente esse processo começa. A fé entra em ação no amor.²²

Antes de falarmos do aspecto mais corporativo da fé ativa no amor na congregação cristã, é importante lembrar que nossa fé ativa no amor (santificação) tem a maioria de suas oportunidades de acontecer em três áreas: família, amigos/igreja e escola/trabalho. Antes de pensarmos em amor ao próximo apenas em termos de grandes ações em público, projetos comunitários ou grandes causas, lembremos que a fé entra em ação, na maior parte das oportunidades, com nosso cônjuge, filhos, irmãos, amigos, colegas e com todos aqueles que estão mais próximos. É ali que estão nossas mais constantes oportunidades de confessar a Cristo – ao próximo bem próximo.

Na vida corporativa do povo de Deus, compartilhar Cristo para todos é também essa fé vivida na prática. Isso inclui todo o corpo de Cristo, a igreja. “A proposta da Confissão de Augsburg é estritamente evangelizadora. Por isso, leigos e clérigos estão diretamente envolvidos. A disposição é que mentes teológicas possam discutir e fazer teologia evangelística. Este é o chamado de cada cristão diretamente da parte de Deus. Para que este chamado seja colocado em prática, a assistência da Palavra de Deus se torna determinante. E seu estudo e sua autoridade determinam a ação evangelizadora da Igreja.”²³ A confissão na vida pública da igreja parte de, e está fundamentada em, Palavra e sacramentos. Confessamos a Cristo quando os meios da graça estão no centro. Todas as

indicar proclamar “coisas boas”; falar somente do “lado bom da vida”. Mas é importante notar que, quando falamos em compartilhar o amor de Jesus, 1) não estamos falando de *sentimentos* de amor, como costumamos expressá-los em relação a cônjuges, filhos ou amigos. Falamos de ensino da Palavra que se aplica independentemente do tipo de sentimento envolvido. 2) Apontamos mais propriamente para o evangelho no seu sentido estrito. Aqui, precisamos lembrar de que a lei é que prepara caminho para o evangelho. Quando anunciamos apenas a cura, sem apontar a doença, nosso compartilhar Cristo será incompleto. Compartilhar Cristo para todos é compartilhar o Cristo da Escritura, em lei e evangelho, perdão e amor, para levar Cristo às pessoas, e trazer as pessoas a ele. Thomson escreve: “Que a Lei nos convença do pecado. Que o evangelho de Deus nos assegure de nosso perdão. Sejamos preenchidos com um amor paciente uns pelos outros que flui do amor paciente de Cristo por nós. Quando necessário, vamos, a partir do amor por Cristo e sua preciosa lei e evangelho, rejeitar o erro. Em tudo isso, que Deus nos uma de forma tal que, corretamente dividindo a Palavra de verdade, cuidadosamente distinguindo lei e evangelho, possamos confortar, encorajar e corrigir uns aos outros”. (THOMPSON, Donald L. **The Formula of Concord: Article V – Of the Law and the Gospel**. Metro-North Pastoral Conference, Milwaukee, WI, September 18, 1995).

²¹ KOLB, Robert. Preaching the Christian Life: Ethical Instruction the Postils of Martin Chemnitz. **Lutheran Quarterly**, Volume XVI (2002), p.296.

²² Apologia da Confissão de Augsburg, Artigo XX, parágrafo 92: “Visto que, quando pela fé recebemos o Espírito Santo, segue-se necessariamente o cumprimento da lei, por que crescem, pouco a pouco, o amor a paciência, a castidade e outros frutos do Espírito”.

²³ Kolb, Robert. **Confessing the Faith. Reformers Define the Church, 1530-1580**. CPH. 1991.

demais atividades da igreja, as quais podem mudar constantemente em forma, propósito e contextualização, fluem a partir deste centro imutável.

Uma vez que existe abundante material teológico conceitual nesta área, vou utilizar este espaço para compartilhar algumas percepções práticas de ministério sobre confessar a Jesus em um mundo aconfessional. São alguns tópicos selecionados, que não pretendem esgotar as inúmeras outras possibilidades de confessar Cristo para todos, de todas as maneiras possíveis.

Culto. A discussão sobre estilos de culto ocupa, de tempos em tempos, considerável espaço na igreja. Se está mais calma agora, voltará ali adiante. Nas últimas décadas, aparece especialmente no contexto “culto tradicional x culto contemporâneo”.

O culto é, sem dúvida, o ponto de início e de chegada, o ponto alto da vida congregacional. Mas a vida de uma congregação não se define apenas pelo culto ou o estilo de culto que ela pratica. A vida saudável de uma congregação acontece nas diversas áreas de sua vida onde a Palavra de Deus, em lei e evangelho, tem livre e claro curso.

Além disso, esse tema não precisa ser uma questão de “ou”, mas, sim, de “e”. A igreja não precisa abrir mão de sua tradição litúrgica; se ela ainda está conosco após tantos séculos, é porque resistiu ao teste do tempo. E a igreja não precisa abrir mão de se fazer próxima do contexto em que está inserida, visto que a tradição secular da igreja que recebemos é fruto de metamorfoses no tempo, espaço e culturas nas quais se inseriu.²⁴

Quando se trata de forma (não a essência) de culto, nem sempre existe certo ou errado; mas existe o que é adequado ao contexto e o que não é.²⁵ Tudo o que um possível futuro membro visitando nossa congregação não precisa perceber é que a congregação vive em constantes Worship Wars.²⁶

Ainda neste tópico, o professor Jim Marriot, do Seminário de St. Louis, EUA, sugere que o antagonismo *tradicional x contemporâneo* pode ser uma falsa dicotomia, e que a música intercultural pode auxiliar nessa compreensão.²⁷

Música. O estilo musical da igreja pode receber a mesma abordagem que os estilos de culto. Existe beleza e conteúdo na história musical cristã, e existe beleza e propriedade em estilos musicais contemporâneos que se aproximam mais da percepção musical de nosso tempo. Sabemos, no entanto, que esse é um tema sensível dentro dos círculos cristãos, e duas ilustrações históricas, de muitas disponíveis, ajudam a entender como ele sempre foi um tópico tanto polêmico quanto essencial na vida da igreja.

²⁴ Andy Bartelt, em seu artigo “Dialectical Negation. And Exegetical Both/And”, traz excelentes insights sobre a possibilidade da Negação Dialética (*ambos/e*) na tradução e interpretação do texto bíblico, com impacto e reflexos também no aspecto litúrgico e prático da igreja. In: **Concordia Journal**, St. Louis, inverno 2021, v.47, n.1, p.19-28.

²⁵ Albrecht, Lucas; Brum, Paulo. **10 reflexoes sobre culto e Igreja**. Disponível em:

<<https://www.ielb.org.br/organizacao/visualizar/7193/10-reflexoes&r=1>>. Acesso em: mai.2021. Outros tópicos discutidos no mesmo artigo: “1. Não existe uma forma única de culto válida; 2. A essência do culto cristão luterano é Palavra e sacramentos; 6. Contextualizar a Igreja não significa, automaticamente, abandonar a liturgia tradicional; 7. Os cultos diferentes da liturgia tradicional não podem existir somente para que haja constante novidade e atratividade no culto; 8. A Igreja estar conectada ao seu tempo não diz respeito apenas a “incrementar os cultos”; 10. O culto continua na vida diária.”

²⁶ Termo cunhado na América do norte para rotular a constante tensão entre tradicional e contemporâneo no culto.

²⁷ **Disrupting the Dichotomy: How Intercultural Music Changes the Conversation.**

Disponível em:

<https://communionarts.org/posts/2021/3/18/disrupting-the-dichotomy?fbclid=IwAR0TdUz3m9_MgP8ITI1o1woneEtFDeyIsR8sxlyG51RiI4USA-KXtEghbDk>. Acesso em: mai.2021. Comentando o texto, Rev. Mario Rafael Fukue escreveu: “O texto nos ajuda a ver que a dicotomia entre ‘Tradicional vs. Contemporâneo’ é desnecessária. Dá para um culto ser ‘luterano da gema’ com liturgia, hinos tradicionais e canções contemporâneas. A pregação da Palavra e o sacramento do altar são motivos suficientes para irmos juntos ao mesmo culto, que poderá ter um *Nunc Dimittis* e uma canção do Vineyard”. Disponível em: <<https://www.facebook.com/rafael.fukue/posts/5841773739173770>>. Acesso: mai.2021.

Por incrível que pareça, para a nossa concepção de igreja hoje, no primeiro milênio da igreja, a maioria de seus líderes eram contrários à utilização de instrumentos musicais dentro da igreja. A visão dos puristas – de que instrumentos de qualquer tipo eram seculares, “mundanos”, não tendo lugar dentro do templo –, prevaleceu. Como resultado, nos primeiros mil anos, a maioria da música vocal na igreja não tinha acompanhamento.²⁸ O próprio órgão, hoje instrumento comum nas igrejas, levou muitos séculos para ser admitido em um culto público, após várias proibições de papas e editos da igreja.²⁹

No século 17, a Igreja Luterana da Alemanha se encontrava em discussão sobre a adoção ou não de um modelo de música contemporânea de influência italiana, a ópera e a polifonia barroca. Os pietistas posicionaram-se contra a utilização deste estilo musical na igreja, enquanto boa parte dos pastores ortodoxos não viram mal em fazer uso de uma nova forma artística como meio para a comunicação do evangelho.³⁰

É importante destacar nossa compreensão de que a música não é um sacramento. Ela não tem o poder de nos conectar a Deus como a Palavra e os sacramentos fazem. Entendemos, no entanto, a fundamental importância da música como “um meio de comunicação. E sendo um meio de comunicação, sempre está em função de alguma coisa. A música é uma arte funcional, não é um fim em si mesmo, mas estará sempre a serviço de alguma coisa”.³¹ Assim, quando a música cristã é mal manejada, traz o perigo de iludir as pessoas em seus sentimentos e projeções. Bem entendida e utilizada, é meio poderoso para compartilhar Cristo na congregação e no mundo.³²

Sabemos que não existe música sacra por definição – isto é, nenhum tipo ou estilo ou instrumento musical pode ser considerado mais agradável a Deus do que o outro. A regra fundamental para definir a música cristã, ao longo dos séculos, foi seu conteúdo.³³ Isso aumenta ainda mais a responsabilidade da igreja na escolha e composição de letras e melodias, arranjos e instrumentos, pois se o estilo musical não tem ordenação bíblica, o conteúdo que se quer compartilhar precisa estar ancorado na Palavra, assim como a ordem e decência necessárias para o culto público. Músicas tendem a ficar por muito mais tempo na memória individual e coletiva das pessoas do que, por exemplo, sermões. Isso realça a importância de utilizarmos hinos e canções que sejam não apenas belos e agradáveis, mas corretos em seu conteúdo cristão.

Acolhimento. Pesquisa realizada na IELB entre os anos 2020-2021 visou a diagnosticar aspectos relacionados ao acolhimento nas congregações luteranas, adicionado ao compartilhar a Cristo e receber pessoas na igreja à importância de assimilá-las no seio da congregação. Os interessantes

²⁸ Dowley, Tim. **Christian Music, a global history**. Fortress Press, 2011, p.37. Interessantemente, “os ataques clericais cada vez mais virulentos ao uso de instrumentos no culto são provavelmente evidência de pressão popular por todos os lados para usá-los”.

²⁹ Dowley, Tim. Op.cit., p.79.

³⁰ MAYES, Robert. Controversial Church Music – then and now. In: **LOGIA, A journal of Lutheran Theology**. Epiphany 2011, v.XX, n.1.

³¹ Brum, Paulo C. F. **Hinologia Luterana: A aplicabilidade Hinológica Luterana no Contexto Brasileiro**. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Teologia do Seminário Concórdia de São Leopoldo, RS. Dezembro de 2016, p.9.

³² A respeito da música, Lutero disse: “Não me agrado daquele que despreza a música, como todos os fanáticos o fazem; pois a música é um dom e um presente de Deus, não de homens. Ela também afasta o diabo e faz as pessoas mais alegres; se esquece toda raiva, falta de castidade, orgulho e outros vícios. Eu coloco a música, logo após a Teologia, e lhe dou a mais alta honra”. Citado em: Brum, Paulo C. F. **Hinologia Luterana: A aplicabilidade Hinológica Luterana no Contexto Brasileiro**. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Teologia do Seminário Concórdia de São Leopoldo, RS. Dezembro de 2016, p.19.

³³ BRUM, Paulo C. F. **Fundamentação Bíblica para a proclamação do Evangelho através da música**. São Leopoldo, 2015, p.71.

resultados do estudo foram disponibilizados em entrevista à Rádio Cristo para Todos³⁴ e estarão disponíveis em forma de texto para uso da igreja.

Ação Social. A fé em ação olha para as necessidades do próximo e se preocupa com ele. A IELB tem investido crescentemente em sua ação social, e muito ainda pode ser feito nesta área para compartilhar o evangelho de Cristo em formas concretas de amor ao próximo. Corpo e alma necessitam de nossa ação em Cristo, pois ambos são igualmente importantes, e ambos estarão no céu, para sempre, com ele.

Se as pessoas que estão sendo ajudadas chegarem à conclusão de que temos “uma segunda intenção espiritual” ao ajudá-las, elas estarão certas. Estamos ajudando as pessoas nas suas necessidades físicas porque queremos trazer até elas alimento e fortalecimento para a necessidade espiritual, que é não apenas para este mundo, mas para a eternidade.

Internet. A via virtual se tornou meio importante para compartilhar Cristo. A pandemia iniciada no ano de 2020 contribuiu para a expansão ainda maior do uso deste meio, uma vez que, em muitos lugares, por vários períodos de tempo, os cultos e atividades presenciais foram reduzidos ou até cancelados.

Embora exista certa dificuldade em analisar um fenômeno enquanto se vive seu estado incipiente, tem se tornado claro que o ambiente virtual é uma ferramenta abrangente e, em alguns momentos, indispensável para a igreja realizar seu trabalho. Da mesma forma que o telefone, o carro pastoral e o microfone, entre tantos outros, a internet se consolida como meio eficaz para o fim evangélico e evangelístico da igreja – salvar pessoas.

O aspecto ao qual dou destaque nesta seção refere-se ao uso do ambiente virtual não apenas como meio, mas também *como fim*. Isto é, a igreja não precisa utilizar websites e redes sociais apenas como meio para tentar trazer pessoas para seu espaço físico. O ambiente virtual também pode *ser a igreja*. As pessoas podem receber a Palavra, adorar a Cristo, ser instruídas e estimuladas em sua vida cristã ali mesmo. A linha entre virtual e real tornou-se quase indistinguível, e as plataformas digitais podem ser espaço onde a igreja é igreja para o próximo, o acolhe, o convida, o instrui. Se adicionarmos a este pensamento o fato de a IELB ser relativamente pequena em números e em presença física, comparada ao tamanho e população do Brasil, oferecer a igreja no espaço digital poderá ser fator de trazer ainda mais pessoas a Cristo, mesmo aquelas que tenham impedimentos para frequentar pessoalmente um templo.³⁵ Isso não implica, novamente, “ou”, mas “e”. Não se trata de substituir o presencial pelo virtual, mas de adicionar o virtual à rede de ações já promovida pela igreja presencial.

Prepare-se para desconfortar

Como igreja cristã, queremos receber bem a todos, especialmente os visitantes e futuros novos membros. Vamos tentar fazer de tudo para que se sintam confortáveis em nosso meio. A única coisa que não pode deixar de desconfortar, no entanto, é o anúncio da Palavra de Deus. O anúncio da Palavra precisa continuar a desconfortar o velho homem, denunciando o pecado e apontando para Cristo como autor e consumidor da fé.

Vivemos uma era da indústria dos ofendidos, onde ser a vítima confere poder. Enquanto existem muitas legítimas vítimas de dificuldades e injustiças, existem tantos outros casos onde fazer-se de vítima é a estratégia para ocupar espaços de poder.

Por essa causa, como cristãos no Ocidente, precisamos estar cada vez mais acostumados com a possibilidade de nosso testemunho desconfortar, ou até ofender alguém, e gerar reações fortes. Se a

³⁴ No momento de escrita deste artigo, dois vídeos estão disponíveis com os resultados desta pesquisa em:

www.Radiocristoparatodos.com.br

³⁵ Até mesmo em outros países, como por exemplo, a iniciativa “Outlanders”, da JELB, com o Pastor Tardelli Voss, da Congregação Cristo Redentor, de Copacabana, Rio de Janeiro.

Palavra de Deus já desconforta os filhos de Deus em muitos momentos, em nosso orgulho e presunção humanos, podemos imaginar o que isso poderá causar em uma cultura que muda a cada momento, e que se torna hostil a muitos pontos da mensagem cristã. A Palavra de Deus continua a ser escândalo para a mente e a cultura humanas. A Reforma Protestante é um exemplo disso, quando os reformadores, com a Palavra, desconfortaram *a própria igreja* de então.³⁶

Mas o que aparenta ser somente uma grande dificuldade é também uma grande oportunidade para a igreja cristã. Como tem acontecido ao longo da história, a perseguição poderá aproximar ainda mais aqueles que desejam enfrentar a tudo antes de abandonar a Cristo, e continuar a entoar, “Meu Jesus não deixarei”.³⁷ Pela graça de Deus, poderemos continuar a ser igreja, pela ação do Espírito Santo, passando a fé cristã para a próxima geração.

Ainda, é importante lembrar que é Deus quem estabelece os limites. “Os inimigos do evangelho só podem perseguir os cristãos dentro dos limites impostos por nosso Pai celestial. Visto que ele está no comando de nossas vidas, não precisamos ter medo daqueles que se opõem a nós, pois nós confessamos pertencer a Cristo. E estamos confiantes em seu amor, não por causa do que temos feito, mas porque ele morreu e ressuscitou para nos redimir do pecado, da morte e do poder do diabo. O fato de seguirmos a Jesus pode resultar em conflitos e divisões dentro das famílias, bem como na família da fé, por incrível que pareça. No entanto, Jesus deseja que seus discípulos continuem em frente para a vida eterna, mesmo que isso signifique sacrificar benefícios terrenos. Concentre-se em Cristo, veja Cristo, busque força em Cristo e confie inteiramente no Salvador Jesus Cristo!”³⁸

Compartilhar HOJE

Como igreja, às vezes nos perdemos em discussões e minúcias³⁹ de nossa atividade semanal e esquecemos que ali, na próxima esquina, e mais adiante, e em mais uma centena de casas, *há pessoas indo para o inferno*. A Palavra ensina que pessoas sem a fé em Cristo criada em seus corações, estão indo para o inferno, e ficarão afastadas para sempre da presença de Deus. Nossa mensagem é urgente – e como os teólogos costumam chamar, escatológica, apontando para os tempos do fim. Confessar a Cristo e compartilhá-lo é uma tarefa tanto importante como urgente, não pode ser adiada, esperar o ano que vem ou quando as coisas melhorarem. Não pode ser deixada para depois, enterrada embaixo de uma agenda cheia de compromissos, ou de um medo de ser cancelado por família, amigos e sociedade.

A oportunidade para este compartilhar, frequentemente, não vem de oportunidades de fala. Nem sempre temos a chance de citar textos bíblicos e dar um testemunho cristão sem que isso pareça forçado ou malvisto. Grandes oportunidades são criadas, no entanto, quando refletimos em nossas

³⁶Precisamos estar preparados para diferentes formas em que seremos “discriminados” e empurrados para a margem da sociedade, como muitos irmãos e irmãs na fé no passado também sofreram, e muitos no presente ainda sofrem. Como um exemplo: poderá vir o dia em que você entrará em um estabelecimento e irão reconhecê-lo. Então alguém dirá: “Você é daquela Igreja que não apóia...” e vai mencionar alguma ideologia em voga, a qual, como cristãos, não podemos realmente apoiar. E então o que poderemos ouvir será: “Você está convidado a se retirar, você não é bem-vindo aqui”. **Soteronym (hate and love in His Name)**. Disponível em: <<https://lutheran-church-regina.com/blogs/post/soteronym-hated-and-saved-by-my-names-sake-matthew-1022-33-pr-lucas-andre-albrecht-sunday-june-21st-2020-season-of-pentecost-mount-olive-lutheran-church>>. Acesso em: mai.2021.

³⁷ *Hinário Luterano*, 266.

³⁸ Rev. Paulo Brum, **Sermão sobre Mateus 10**. 21 de junho de 2020.

³⁹ Charles Arand escreveu um interessante artigo sobre como as discussões parecem ser cada vez menos doutrinárias, e mais de ordem prática, especialmente os adíforos (coisas que não são nem ordenadas nem proibidas pela Palavra.)

Ele oferece quatro princípios gerais que podem ser de grande auxílio para tirar da pauta alguns empecilhos internos que atrapalham o compartilhar e o confessar. 1) Confissão do evangelho, 2) Continuidade com a tradição histórica, 3) Sensibilidade contextual para a missão e, 4) Consenso da Igreja. “Not all Adiphora are created equal”. **Concordia Journal**, Jul.2004, p.156-164.

vidas práticas o evangelho de Cristo, mostrando o amor de Cristo ao próximo, até nos pequenos cuidados e detalhes diários.

Nossa vida cristã comunica a Cristo para salvar pessoas. No entanto, em vez de deixarmos isso se tornar um fardo (tudo depende de mim) ou um motivo de arrogância (eu levei fulano para Cristo com meu exemplo de vida), lembremos de onde esta capacidade vem: em Cristo está tanto nosso querer como realizar.⁴⁰ Aqui entra a importância de os cristãos estarem, eles mesmos, constantemente conectados a Jesus, em Palavra e sacramentos, participação nos cultos, leitura e meditação da Palavra, recebendo perdão pelas constantes falhas no viver cristão, e participando da comunhão com os irmãos da mesma fé.⁴¹

A igreja pode ser fator de grande influência na sociedade, anunciando o evangelho que transforma, estimulando seus membros a viverem essa fé na vida diária, colocando em prática os ensinamentos, sem falsos moralismos nem hipocrisia, mas com a honestidade que a Palavra recomenda – santos e pecadores. Ainda, a igreja pode contribuir com a sociedade justamente mantendo a noção de indivíduos alcançados pelo amor de Deus e que são responsáveis perante ele e perante o mundo.⁴² Esta é a nossa força motora para a vida em sociedade: a fé ativa no amor.

Conclusão

“A Bíblia traz segurança e paz; lei e evangelho – perdão. Consistência e cor, na alegria e dor – grande luz na escuridão. Pai Celeste, vem corações mover ao serviço dado em amor, pois ao lado está quem precisa ter esperança, afeto e calor. Teus filhos, firmes, Senhor, servindo, querem viver. Pois a fé, no amor, age com fervor, para o outro, então, abraçar.”⁴³ A Palavra de Deus é a fonte de conteúdo, ensino, segurança e confiança para nosso orar e compartilhar; individualmente e como corpo de Cristo. Olhamos para cima, estendemos as mãos para os lados e caminhamos em frente. Firmes até o fim, “em Jesus Senhor, com perdão e amor, espalhando a paz; na alegria e dor. Sua graça nos traz salvação”.⁴⁴

Confiando e confessando, pedimos: “Guia a nossa fé, firmes no agir, rumo ao eterno lugar”.

Rev. Lucas Andre Albrecht
Associate Pastor
Mount Olive Lutheran Church
Regina SK, Canada

⁴⁰ Filipenses 2.13.

⁴¹ Isso envolve, também, evitar as coisas que podem minar a nossa fé. Sabemos, a partir da Bíblia e de nossas confissões, que recebemos a vida eterna através da fé; no entanto, se andarmos segundo a carne, no pecado, sem arrependimento e perdão diários, não podemos reter nem a fé nem a justiça de Cristo (Apologia da Confissão de Augsburg V, parágrafos 222-227). “Pois que Pedro fala de obras que se seguem à remissão dos pecados, e ensina por que se deve praticá-las, a saber, para que seja firme a vocação, isto é, a fim de não suceder venham a cair de sua vocação pela reincidência no pecado. Praticai boas obras, a fim de perseverardes na vocação, para não virdes a perder os dons da vocação, que anteriormente vos foram dados, não em virtude das obras seguintes, mas que já são retidos pela fé. E a fé não permanece naqueles que perdem o Espírito Santo, que rejeitam o arrependimento, conforme acima dissemos: a fé existe no arrependimento. (Apologia da Confissão de Augsburg, XX, parágrafo 90).

⁴² Albrecht, Lucas A. Amós, **Cristianismo e estado Laico**. Texto apresentado no Fórum Ulbra de Teologia, 2015.

⁴³ *Firmes*. **Hino Oficial da IELB para o quadriênio 2019-2022**. Melodia: Paulo Brum. Letra: Paulo Brum e Lucas André Albrecht. Lançado na 62ª Convenção Nacional da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), no dia 29 de abril de 2018.

⁴⁴ *Firmes*. **Canção Oficial da IELB para o quadrienio 2019-2022**. Melodia: Paulo Brum e Tom Pacheco, baseada no Hino da IELB (2019-2022). Letra: Lucas André Albrecht, Paulo Brum e Tom Pacheco. Lançada na 62ª Convenção Nacional da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), no dia 29 de abril de 2018.